

4. A contribuição dos Fóruns ao paradigma da cidadania planetária

Há dez anos, quando o Fórum Social Mundial lançou seu lema “outro mundo é possível”, iniciava-se uma nova etapa do paradigma e da prática social e educativa por uma cidadania planetária. Depois de uma década de relativa estagnação, os movimentos sociais começavam a liderar o combate ao globalismo, a globalização neoliberal, passando da luta de resistência contra a globalização para a luta transformadora por uma outra globalização. Deram assim uma grande contribuição à educação para um outro mundo possível que é uma educação para a cidadania planetária como o Instituto Paulo Freire vem propondo.

No final de 1999 e início de 2000, depois de uma década de certa apatia política, provocada pela queda do socialismo soviético, e diante do crescente número de manifestações mundiais contra o modelo neoliberal – chamadas pela imprensa de manifestações “antiglobalização” – alguns movimentos sociais e ONGs estavam ensaiando o lançamento de um evento não só de resistência ao pensamento único neoliberal, mas de discussão de novos projetos e propostas alternativas. Um movimento contra-hegemônico e altermundista. Esta idéia não surgiu por acaso. Ela já vinha sendo construída desde os anos 60, enraizada nos movimentos ecológicos, feministas, estudantis e pelos direitos humanos, entre outros. Destaco, por exemplo, na América Latina, a contribuição do movimento de educação popular.

O FSM foi o acontecimento mais importante desse início de século. O novo milênio começou, realmente, como algo novo, em Porto Alegre, na abertura do Fórum Social Mundial, dia 25 de janeiro de 2001. Ele se tornou um símbolo da esperança coletiva e a expressão mais visível da sociedade civil global.

A grande novidade do FSM é que ele desbancou a descrença e o fatalismo neoliberal e o pensamento único. O pior não é o mundo que está aí. O pior é pensar que só esse mundo é possível. O pior é esse mundo transformado em fetiche. A fetichização instaurou um mundo de insensibilidade e de naturalização da injustiça, da miséria, da guerra. Só uma nova conscientização contra a fetichização poderá desbloquear esse travamento da humanidade. Daí a importância do FSM também como um processo pedagógico. O FSM é também um movimento de reeducação planetária.

Quando se pensa no lema do FSM - “um outro mundo possível” - vem logo à mente uma conhecida frase de Paulo Freire: “o mundo não é; o mundo está sendo”. Não é mera coincidência que o sentido deste lema esteja fortemente ligado à recusa de Paulo Freire pelo que se chamou de “fim da história” e o combate ao fatalismo neoliberal. Ele insistia pedagogicamente na tese de que a “história é possibilidade e não fatalidade”. Em seu último livro *Pedagogia da autonomia* ele dizia que combatia o neoliberalismo porque este negava o sonho e a utopia.

Para um outro mundo possível, uma outra educação é necessária. O processo de construção de um outro mundo possível é um processo eminentemente educativo. Não dá para entender a ação transformadora do Fórum Social Mundial sem compreendê-lo em sua dimensão pedagógica.

Na esteira do FSM outros Fóruns Mundiais nasceram, entre eles o **Fórum Mundial de Educação**. O FME nasceu durante a primeira edição do Fórum Social Mundial, em janeiro de 2001, para impulsionar no seu interior, a luta pelo direito à educação. A primeira edição do FME, em outubro de 2001, elegeu como temática central “Educação no mundo globalizado” e, a segunda, em janeiro de 2003, “Educação e transformação”. Na edição seguinte, em 2004, foi discutida a construção de uma **Plataforma Mundial de Educação**, finalmente aprovada, em Nairobi, em 2007.

Como *método de trabalho* o FME busca cruzar a plataforma com a agenda de lutas da Via Campesina, da Via Urbana, da Campanha Global pela Educação, do Movimento de Educação de Jovens e de Adultos, do Movimento de Mulheres, do Movimento

Ambiental, do Software Livre, da Economia Solidária, da Universidade Popular dos Movimentos sociais, do Movimento pelos Direitos Humanos e outros. Alcançar os objetivos propostos depende de constante mobilização e articulação com os movimentos sociais e populares.

A **Plataforma Mundial** do FME está se transformando, aos poucos, num elemento inspirador de novas políticas públicas. Esforços estão sendo feitos pelas diversas esferas de governo, principalmente no que se refere ao princípio da integralidade da educação.

A *integralidade*, como princípio orientador da educação, vem sendo defendida desde a antiguidade. Trata-se de uma concepção da educação que não se limita a desabrochar apenas algumas potencialidades humanas. Toda a educação precisa ser integral. Não se trata apenas de estar na escola em horário integral, mas de ter a possibilidade de desenvolver todas as potencialidades humanas, que envolvem o corpo, a mente, a sociabilidade, a arte, a cultura, a dança, a música, o esporte, o lazer etc. Por *intersectorialidade* entende a articulação das várias secretarias ou ministérios, integrando saberes e experiências de planejamento e de ação de cada setor, para convergir numa educação integral. A intersectorialidade tem um efeito sinérgico importante. Os cidadãos precisam ser reconhecidos em sua totalidade e não fragmentadamente.

Muitos fóruns educacionais temáticos, regionais e nacionais foram realizados desde então. Hoje, o FME constitui-se num grande movimento mundial pela **cidadania planetária**, em defesa do direito universal à educação. Para um “outro mundo possível”, uma outra educação é necessária.

O neoliberalismo concebe a educação como uma mercadoria, reduzindo nossas identidades às de meros consumidores, desprezando o espaço público e a dimensão humanista da educação. Opondo-se a essa concepção, o FME defende uma concepção emancipadora da educação, que respeita e convive com a diferença, promovendo a intertransculturalidade.

Nos seus dez anos de existência, o FME construiu um espaço próprio no campo das lutas pela educação, no interior do Fórum Social Mundial, associando o pedagógico ao econômico, ao social, ao ambiental e ao cultural, resgatando a memória histórica da luta pela educação, constituindo-se numa rede de pessoas, instituições e organizações articuladas em função de um calendário mundial de ações coletivas planetárias por uma alternativa ao projeto neoliberal.

Que **lições** podemos tirar desses Fóruns?

A maior lição a tirar desses Fóruns é que eles mostram como o povo pode fazer história. Os Fóruns colocaram o povo como grande sujeito. Os movimentos sociais não querem ficar na platéia, na arquibancada. A Sociedade Civil Global não quer ficar assistindo. Ela está assumindo o papel de protagonista deste “outro mundo possível”, desta “outra educação necessária”, fazendo cobranças para que a esperança se torne realidade. Porque o neoliberalismo ainda está vivo, ainda não foi derrotado.

Os encontros do FME sempre deixaram a sensação de que há muita *generosidade*, há uma reserva imensa de altruísmo que nos deixa, a todos e todas, *reencantados*, esperançosos e esperançosas na construção de uma outra educação. Há muita gente disposta e disponível para trabalhar por um outro mundo possível. O exemplo de centenas e até de milhares de voluntários e voluntárias que já participaram na preparação e realização de nossos encontros é uma prova disso. O FME é um espaço de encontro rico em aprendizagens. Participar dele é um grande privilégio.